

**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
I FAZENDO ARTE NORTE

**HISTÓRIA ORAL:
GÊNERO E POLÍTICA EM PARINTINS (1964-2004)**

GT 12: COMUNICAÇÕES LIVRES

Roger Kenned Repolho de Oliveira¹

¹ Acadêmico do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: rogerkenned90@gmail.com.

Introdução

Qual o lugar da mulher no cenário político de Parintins? Qual a relevância de uma história da atuação política das mulheres em Parintins? Qual a relação dessas atuações com os projetos e processos políticos nacionais? Pretendemos responder a esta e outras perguntas ao analisarmos aspectos das trajetórias da professora e vereadora Geminiana Bulcão Bringel. A partir da metodologia da história oral (VERENA, 2000; MARIETA, 1994; MERY, 1998,) desenvolveremos uma análise que incorpore as noções compartilhadas pelos estudos de memória (POLLAK, 1992) em diálogo com a história das mulheres (SOIHET, 1997; Scott, 1989) e das relações de gênero (MESQUITA, 1997; PASSOS, 2001; CAMPOS, 2008).

História Oral e Memória

Segundo Verena Alberti, historia oral é uma metodologia de pesquisa e produção de fontes difundida na segunda metade do século XX.

A história oral como metodologia traz novas possibilidades de estudos ao dar vez e voz a novos temas e abordagens e novas versões até então relatadas por não possuírem “legitimidade” seus depoimentos devido a sua posição na social sociedade a qual vive:

Ela proporciona também perspectivas muitas às vezes não encontradas em outros trabalhos históricos como depoimentos esquecidos versões menosprezadas história de movimentos sociais onde uma vertente da história oral se tenha construído com uma ligação a da história dos excluídos (MORAIS, 1994, p. 171).

Apesar de ser uma história de resistência história oral vem ganhando mais aceitação no campo acadêmico e em diversas áreas dada a sua vocação interdisciplinar. Segundo Verena.

O trabalho de história oral se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a História, a literatura e a Psicologia por exemplo. Trata-se, pois, de uma metodologia interdisciplinar por excelência (ALBERTI, 2001, p. 156).

Por ser um método de pesquisa que registra o testemunho a experiência, a história oral se aplica a chamada história do tempo presente, ou seja, aos eventos ocorridos no pós-segunda guerra mundial.

Segundo Marieta. “A memória só pode acionar o passado até certo limite e é o tempo que a limita de conhecer os fatos por isso não há como ter parcerias entre ambas segundo Maurice Halbwachs” (MORAIS, 2000, p 24).

Mas o historiador deve ter em mente que a memória vive em total função do presente, e que alguns grupos faz o uso da memória para legitimar-se alguma característica que se quer passar.

A memória se esclarece pelo presente, presente este que incentiva a memória a partir de um determinado grupo. Explicando assim que o presente influencia a memória a retirar de seu passado apenas alguns elementos que possam lhe dar uma forma ordenada e com coerência. Marieta. (MORAIS, 2000, p. 24).

Então cabe ao historiador o papel crítico dessa fonte para fazer uma análise conjunturas da mesma, para identificar o que determinada memória pode trazer consigo, ou o que ela tenta esconder e achar os por quês.

A memória não quer dizer apenas o indivíduo quer representar, mas também uma representação de como ela quer ser vista e como ela quer que as outras pessoas a vejam, vendo a si própria, Michael.

A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta a outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser recebida da maneira como quer ser recebida pelos outros. (POL-LACK, 1992, p. 05).

História das mulheres e das relações de gênero

A busca por tentarmos entender o lugar das mulheres na esfera política de Parintins, suas estratégias, protagonismos e desigualdades, nos conduz para o campo dedicado a pensar os desafios históricos porque passa metade da população mundial. A história das mulheres por muito tempo foi silenciada. Elas ficavam como espaço de espectadoras como é observado por Mary Del Priore (1998, p. 217) “(...) tradicionalmente são vistas como espectadoras do teatro no qual se defrontam com seus mestres e senhores os homens”.

Este quadro reflete, em certa medida, os resquícios de uma história tradicional, factual e positivista que visava apenas os grandes políticos e grandes acontecimentos, dando voz apenas aos governantes, em geral homens pondo assim as mulheres a um papel e invisibilidade. Segundo Rachel.

A história positivista, a partir de fins do século XIX, provoca um recuo nessa temática, em função de seu exclusivo interesse pela história política e pelo domínio público. Privilegiavam-se as fontes administrativas, diplomáticas e militares, nas quais as mulheres pouco aparecem (SOIHET 1997, p. 400).

O local das mulheres nesta historiografia reflete as desigualdades existentes em uma sociedade patriarcal. Pois segundo Elizabete.

(...) o público identifica-se com vida política, vividas por pessoas com o poder de argumentação e de decisão, em oposição a vida privada, que consistia naquela que consistia naquela desenrolada na cena do lar, por pessoas que não participavam da polis, como escravo e as mulheres (...) (SILVA PASSOS, 2001, p. 24).

Esses dados nos posicionam a qual que mulheres se encontravam na sociedade, “As mulheres são encontradas “nas margens” da sociedade junto com outros grupos como os escravos, os índios os judeus e cristãos-novos, e os homossexuais”. Mary Del Piore (1998, pg. 227).

Invisibilidade da mulher na historiografia remete a seu lugar social própria função que a sociedade lhe impõe, limitadora da sua aparição diante do masculino na sociedade fazendo com que seu protagonismo passe despercebido. Para mudar essa situação e preciso um embate contínuo. Elizabete Silva.

Colocam-se, com isso, os limites e as possibilidades dos indivíduos, a partir de seu sexo. Para os homens, pertencentes ao mundo da polis, do público, o limite e a liberdade; as mulheres, ao contrário, vivem na luta contínua para ultrapassar a limitação que as necessidades impõem (PASSOS 2001, p. 24,25).

Uma das principais características do século XX foi à ampliação e consolidação dos movimentos feministas na luta pela ampliação de direitos e cidadania das mulheres. As batalhas travadas nas ruas e no âmbito da sociedade civil refletiram-se nos trabalhos acadêmicos sobre o protagonismo das mulheres. Segundo Mary Del Piore (1998, p. 220) “Depois de um primeiro impulso dado a questão, as universidades abriram suas portas aso grupos de pesquisa”.

Segundo. Heloisa Lara:

Outra questão que notamos e a de existência de uma predominância quase que cem por cento de autoras nos trabalhos sobre gênero por quê? Isso demonstra que a ideologia do patriarcado ainda está presente na cabeça dos pesquisadores, pesam que, estudar gênero, estudar mulher, ainda é uma questão da mulher e eles não tem nada a ver com isso; tal visão (CAMPOS, 2008, p. 168).

É neste sentido que o presente artigo busca compreender o protagonismo de Geminiana Campos Bulcão Bringel, em suas atuações políticas na vereança parintinense. Iluminando, nas trajetórias das duas ex-vereadoras seus processos de inserção e protagonismos nas lutas políticas.

Durante década de 1970 com a explosão do feminismo e o afloramento das ciências como Antropologia História das mentalidades e história social e pesquisas jamais feitas sobre memória popular fez com o posicionamento sobre a constatação do esquecimento da mulher na história surgisse o que levou as mulheres fazerem história das mulheres muito antes da histografia. Mary Del Piore (1998, pg.220).

Os avanços do campo da ciência permitiram os estudos sobre o estudo nos papéis sexuais e permitiu um novo perfil na historiografia podendo então descrever os papéis femininos.

Procurando escrever os papéis femininos chegou-se a decifrar um certo número de práticas específicas que por meio de um jogo de compensações, de interferências simbólicas terminaram por esboçar os traços de uma cultura feminina sem a qual o sentido social não existira (DEL PIORE, 1998, p. 221).

O estudo sobre a história das mulheres não consigo rupturas no campo, pois não proporcionou modificações na história tradicional ou até mesmo renovação nos seus métodos. “não se tinha conseguido revolucionar a ciência histórica de dentro para fora, inscrevendo aí uma diferença sexual que fosse além das funções e papéis codificados pelas sociedades masculinas.” (Piore 1998, pg.223).

Tal defasagem levou aos historiadores a buscar novas formas de análises isso ocorreu por pelo menos por duas razões segundo Johan Scott (1989, p. 05).

Primeiro porque a proliferação de estudos de caso na história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes.

E a outra seria, “os limites das abordagens descritivas que não questionam os conceitos dominantes no seio da disciplina ou pelo menos não os questionam de forma a abalar o seu poder e talvez transformá-los” (Scott, 1989, p. 05).

O que se obteve com a História das mulheres foi apenas um reconhecimento da participação das mulheres na história, mas sem que ela tivesse alguma interferência na esfera política fazendo com que deixassem de lado a história das mulheres como adendo a história.

No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado (“as mulheres têm uma história separada da dos ho-

mens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”) (SCOTT, 1989, p. 05).

Houve a necessidade de um estudo que trouxesse essas contribuições não lucidadas pela a história das mulheres. O uso da categoria “gênero” trouxe consigo uma contribuição teórica muito significativa ao considerar as desigualdades presentes na relação entre homem e mulher, pois segundo Heloisa Campos (2008, p. 164).

Através desse conceito foi possível trabalhar diversas inter-relações entre homens e mulheres, mostrando o poder não só que se realizava na dominação de homens sobre mulheres, mas também de mulheres sobre homens e homens sobre homens.

A categoria “gênero” tem mais neutralidade de análise, pois visa a seriedade de um trabalho, pois tem em sua essência um conotação imparcial e prática e de que o cunho científico das ciências sócias e afasta-se da política do feminismo o seu uso segundo.

Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica (SCOTT, 1989, p. 06).

Ao pensarmos na categoria ao olharmos para América Latina se ver a problemática da diversidade cultural e linguística a compreensão dessa diversidade essencial para dar o primeiro passo a uma crítica a construção de estereótipos as últimas contribuições avançam nas questões como o estudo da mulher e da família, na discursão do feminismo, das relações de gênero e na construção de identidade de como mulheres. Samara Eni de Mesquita (1997).

Gênero e esfera pública

Embora estejamos analisando trajetórias com deslocamento do privado para o público e na esfera pública, para a política, o espaço privilegiado do exercício do poder patriarcal, na sociedade brasileira. Vale a pena visitarmos alguns estudos dedicados a pensar o processo de deslocamento, conflito, tensões, limitações e protagonismo das mulheres sob as desigualdades de gênero.

Segundo Samara Eni de Mesquita (1997, p. 18) “(...) ao se tratar de da opressão feminina e da sua circunscrição ao trabalho doméstico, enfatiza que isso não impediu a sua presença em

inúmeras outras atividades”. Heloisa Lara Campos observa que a mulher está passando por um processo de modificações em sua identidade. “E de uma maneira geral, os trabalhos sobre identidade mostram sempre esses conflitos sobre as mudanças que a mulher está passando trazidas pela contemporaneidade e pelos padrões tradicionais cristãos que ainda firmam os papéis tradicionais” (2008, p. 167).

E apesar de seu protagonismo que até então estava atrela ao privado mais especificamente ao cenário doméstico, elas mostram que essa divisão limitadora de sua presença no espaço público, e que as mesmas tem capacidade e a competência de o enfrenta-lo, onde deixam sua passividade de lado perante o patriarcado e assume a responsabilidade de seu sustento de sua prole, onde faz parte de seu dia tomar decisões difíceis e assumir as consequências de suas decisões. Elizete Silva Passos (2001, p. 28).

Mas apesar de já haver mudanças na vida das mulheres através de lutas e ganhos devido ao seu protagonismo, a pesquisa recente de Elizete Silva Passos intitulada de Gênero e Universidade que mostra que ao terem que optarem por uma área de conhecimento científica para sua formação profissional as pessoas tanto homens quanto mulheres escolhem profissões de caráter sexista onde a escolha de homem ou uma mulher tem características de predileção determinado por seu sexo, onde o estudo visa as escolhas profissionais dos discentes e dos docentes. Elizete Silva Passos. (200, p. 29).

Teoricamente, partiu-se do pressuposto de que as escolha profissionais de homens e mulheres seguem a divisão sexual, estabelecida culturalmente, que classifica as pessoas a partir de estereótipos e transformam seres essencialmente iguais em diferentes. Ente consequências que as atitudes sexistas produzem, no campo profissional as mulheres ao contrário dos homens são levadas a carreiras mal remuneradas, limitadoras e de menor prestígio (PASSOS, 200, p. 29).

Face a estas ponderações apontadas por Elizete Passos uma questão se coloca. Qual a relação desta divisão social do trabalho nas carreiras das primeiras mulheres com atuação política em Parintins?

A luz da categoria gênero é possível identificarmos algumas estratégias, possíveis, adotadas por Germiniana Pimentel em seu processo de construção de trajetória profissional na esfera pública. As duas personagens têm em comum, além da experiência como vereadoras da Cidade de Parintins, o magistério como ofício.

Os primeiros investimentos de pesquisa, sobre a trajetória de Geminiana Bulcão nos conduziram às duas colaboradoras, Valdete Pimentel assim e Dona Clotild Cruz Valente. As duas colaboradoras também atuaram no magistério e tornaram-se vereadoras.

Valdete Pimentel nasceu em Parintins, estado do Amazonas, no dia 31 de janeiro de 1952. Seus pais, Raimundo Gadelha Preste Pimentel e Maria da Silva Preste, também são naturais de Parintins. Sua infância foi vivida em uma residência situada nas proximidades da esquina da Avenida Amazonas com o Beco Coronel José Henrique, em frente ao Mercado Municipal. Valdete Pimentel estudou no Colégio Nossa Senhora do Carmo, onde, posteriormente, trabalhou como educadora por sete anos. Coursou o Normal Superior e cursou especialização em Psicopedagogia. Foi presidente do grêmio da liga desportiva de Parintins e em 1992 foi candidatou-se a vereança. Foi vereadora por três mandatos, no período de 1991-1995, 1996-2000 e de 2001-2004. Segundo seu relato é de sua autoria parte das diversas solicitações para a implantação da delegacia das mulheres de Parintins. Também participou da Manifestação ocorrida na frente do Fórum de Parintins denunciando e combatendo a violência contra a mulher.²

Conheci dona Gemica, Geminiana foi minha colega de curso na UERJ, ela era também supervisora escolar, estudamos juntas, era professora, ela também foi diretora aqui da unidade educacional de Parintins né? ela era diretora e ela estudou comigo, foi a Geminiana, naquele tempo ela era do MDB antigo né? que hoje eu acho que é o PMDB, Movimento Democrático Brasileiro (...).³

Geminiana Campos Bulcão Bringel nasceu em Parintins no início da década de 1920. A sua data de nascimento parece ser controversa. Em alguns documentos, como o título de eleitor há a indicação de 10 de julho de 1923. Em seu curriculum vitae seu nascimento teria ocorrido no mesmo dia e mês do ano de 1926. Primeira entre as mulheres de atuação política, de nossa pesquisa atuou como professora e supervisora escolar. Em 1956 iniciou sua atuação na carreira política ao assumir uma cadeira na Câmara de Vereadores de Parintins, como suplente do vereador Acioly Teixeira (1956-1959). Entre 1960 e 1963 cumpre o mandato de vereadora sendo eleita em 1963 Vice-Presidente da câmara do município. Este cargo lhe permitiu assumir a Prefeitura de Parintins quando das ausências do Prefeito e do Vice-Prefeito (BUTEL, 1978). Segundo Dona Raimunda Ribeiro da Silva “viajaram os dois, prefeito e vice-prefeito, aí ela ficou, como os dois prefeitos [se ausentaram, ficou Prefeita] interina”.

² Entrevista de dona Valdete Preste Pimentel (2/12/20016)

³ Entrevista com dona Clotilde da Cruz Valente (01/04/2017)

Acompanhar a trajetória política de Geminiana Bulcão nos permite estabelecer conexões preciosas entre a História Política Local e a Nacional. Um dos eventos mais rememorados entre os entrevistados, sobre a atuação política de Geminiana Bulcão, foi fato de ter acompanhado o anticandidato a Presidência da República, Ulisses Guimarães em sua viagem ao Amazonas e Parintins. Provavelmente a viagem se deu entre 1973 e 1974, pois a eleição no Colégio Eleitoral ocorreu em 15 de março de 1974.

Ingrid Corrêa na dissertação *Ulysses Guimarães: trajetória política de um liberal-democrata na luta contra a ditadura militar* (1971-1984) o Jornal *O Globo* noticiou a cobertura da I Convenção Nacional Extraordinária do MDB, ocorrida no Plenário do Senado Federal, em 22 de setembro de 1973. Na ocasião Ulysses Guimarães, então presidente do partido foi indicado a postular a vaga de Presidente da República tendo como Vice-presidente o jornalista Barbosa Lima Sobrinho (Ingrid da Silva, 2001, p. 37).

Considerações finais

Um dos eventos mais citados pelos colaboradores desta pesquisa foi a visita de Doutor Ulysses à Parintins. Embora citando em outra data o tema emerge no processo de construção de memória de alguns colaboradores. Segundo o Senhor Geral Medeiros Ulysses Guimarães teria sido recebido por Geminiana “Foi em 68 e 69”.⁴ O evento memorável é também citado por outro colaborador. Segundo José Maria Pinheiro: “ela e o partido conseguiu trazer em Parintins o Ulysses Guimaraes pra fazer um comício a noite né, tudo programado, movimentação bacana o MDB estava com aquela música MDB, MDB, MDB ai preparamos o comício”.⁵ Jose Maria Pinheiro.

Ainda está por ser feito um investimento de pesquisa na qual se ilumine os vários nexos entre o local e o nacional. Em diálogo com a historiografia dedicada aos estudos da história das mulheres, das relações de gênero e da história política. Os nexos dessas dimensões da história estão postos na memória dos contemporâneos do protagonismo político dos personagens da pesquisa que deu origem a esse artigo.

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011. pp. 155-202.

⁴ Segundo o senhor Geraldo Medeiros (entrevista no dia 30 de novembro de 2016).

⁵ Jose Maria Pinheiro (entrevista no dia 16 de junho de 2017).

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

BUTEL, Larice [et.al]. **História e Memória Política do Município de Parintins**: 1º legislatura de 1947 a 1951. Parintins: Câmara Município de Parintins, 2011.

DE NORONHA Nelson Matos; ATHIAS Renato (org.). **Ciências e saberes na Amazônia**: indivíduos, coletividades, gênero e etnias. Recife: Ed. Universitária da UFFPE, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “História oral: velhas questões, novos desafios”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. pp. 169-186.

PASSOS, Elizabete Silva. “As mulheres e os saberes: construção do gênero nas, Universidades do Norte e Nordeste e as repercussões nos campos social e político”. In: FERREIRA, Mary; ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; SANTOS, Euice Ferreira dos (org.). **Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero**. São Luis: EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa Mulher, Cidadania e relações; de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

PRIORE, Mary Del. “História das mulheres: as vozes do silêncio”. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

SAMARA, Eni de Mesquita. “A construção da identidade social de gênero”. In: SAMARA, Eni Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. (org.). **Gênero em debate**: Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

SOIHET, Rachel. “Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.

Texto original: Joan Scott – **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.